

# O ESTILO RAPCHAM

ALBERTO E JOSÉ AUGUSTO RAPCHAM PRESIDIRAM A ACIL EM ÉPOCAS BEM DIFERENTES, MAS  
COM JEITO METÓDICO MARCADO POR POSTURAS MUITO CLARAS



*Augusto e Alberto: dois presidentes que fizeram alterações nos estatutos da entidade*

ALBERTO RAPCHAM (1988/90)

JOSÉ AUGUSTO RAPCHAM (2004/06)

Ao longo destes 70 anos, cada um dos presidentes que passaram pela ACIL procurou imprimir um ritmo próprio de trabalho. Os Rapcham mantiveram a escrita, ainda que o pai Alberto e o filho José Augusto tenham uma similaridade no trato das questões e embates proporcionados pela entidade. Mudança era o lema das gestões, uma característica que marcou também o rumo dos negócios da família.

A indústria Indrel ainda não existia, mas começava a ser desenhada na década de 1960, na rua Mato Grosso quase esquina com a Celso Garcia Cid. Alberto Rapcham, filho de imigrante tcheco estabelecido no distrito de Bratislava, antiga Nova Dantzig, hoje Cambé - trabalhava até então na loja Hermes Macedo, também conhecida como HM. Na época, a própria loja era encarregada de fazer a manutenção dos produtos que vendia, caso das geladeiras. Foi dessa necessidade de serviço que surgiu a Eletrolondri, que tratou de fazer a manutenção de geladeiras para a HM e de qualquer outro cliente interessado.

Os contatos feitos nessa época com o industrial e comerciante Igarassu Louzada renderam o convite para Alberto ingressar nos quadros de dirigentes da ACL. Nos 50 anos de Associação, eles estavam lá, comemorando o aumento do quadro de associados graças à adesão dos industriais à antiga ACL. “Passaram de 700 para uns 950”, diz.

Com Alberto na presidência, a ACIL tratou de fazer novas alterações no Estatuto. A principal delas tornou obrigatória a continuidade numa direção de pelo menos 25% do quadro de dirigentes da gestão anterior. Na época, uma direção era formada por até 70 pessoas e o novo critério procurou estabelecer certa continuidade

nos trabalhos. Foi nesse período também que, pela primeira vez, as mulheres comerciantes ganharam espaço na ACIL com a criação do Conselho da Mulher Empresária. “O conceito de diferença e igualdade entre os gêneros havia mudado muito”, justifica.

Mudanças foram implementadas também no sistema de atendimento às empresas usuárias do SPC - Serviço de Proteção ao Crédito. Até então, pelo menos 40 atendentes de telefone eram encarregadas de atender as empresas que buscavam informações sobre consumidores. Com o tempo, uma a uma elas foram transferidas para dentro das maiores lojas, que passaram a ter funcionárias específicas para fazer o contato com a ACIL. “Nosso serviço era considerado modelo na época. Enquanto em São Paulo uma consulta de crédito levava até uma semana, aqui esse tempo não ultrapassava 24 horas”, lembra. Ainda naquela época, outra mudança estatutária proibiu que uma diretoria deixasse dívidas para sua sucessora, determinação que vigora até hoje.

Foi nesse período que a ACIL resgatou um bem importante para sua sede. A imagem de Mercúrio (o deus romano das mercadorias e dos negócios que equivale a Hermes na mitologia grega) guardada da UEL depois de recolhida durante o período militar pôde enfim ser devolvida. O problema é que a imagem do deus nu foi censurada e literalmente castrada. Para voltar ao posto de guardião do Palácio do Comércio e do centro comercial de Londrina, as genitálias foram cobertas por uma espécie de tanga. Deste então, o Mercúrio da ACIL é um deus seminu. “Coisas que só aconteceram na ditadura, abusos absurdos.”

O filho José Augusto decidiu manter as tradições do pai e por volta de 1994 passou a fazer parte do quadro de associados da ACIL. Com o tempo, surgiram os convites para o quadro diretivo. E enfim, chegou à presidência. Já como presidente, assim como o pai, promoveu nova alteração estatutária que determinou novos critérios a serem cumpridos por qualquer comerciante que quisesse ser presidente da entidade. A partir de então, o candidato teria que comprovar *ficha limpa* na polícia e na Justiça. “Queríamos moralizar as eleições também. Na ACIL nunca houve espaço para aventureiros”, explica.

Foi na gestão dele que importantes avanços foram conseguidos na luta pela flexibilização dos horários do comércio. Na Justiça, a ACIL permitiu aos comerciantes abrir as lojas aos sábados e domingos. “Foi graças a essa decisão que supermercados e setores alimentícios abrem hoje em horários praticamente livres.” A decisão forçou um acordo trabalhista inédito até então entre patrões e empregados. A partir de então, o comércio em geral poderia funcionar aos sábados à tarde por pelo menos duas vezes ao mês. “Uma pena, pois esse acordo poderia ser ainda melhor para os comerciantes”, lembra José Augusto, ao citar que as convenções coletivas de trabalho só podem ser firmadas pelo Sincoval e não pela ACIL. “Poderíamos, na época, não abrir mão de todos os sábados, já que a Justiça permitia isso. Mas não entendi até hoje a decisão do Sincoval.”

Instalou-se um embate aberto contra a postura do sindicato patronal de negociar os interesses dos comerciantes. Com a revogação da decisão judicial, os avanços na luta pela flexibilização dos expedientes foram anulados.

Mesmo com as conquistas, José Augusto lamenta não ter concretizado um projeto referente às discussões internas sobre as conseqüências do comércio informal para a Cidade. “Pensei até em propor a criação de uma diretoria só para tratar do assunto. Afinal, não podemos criticar algo sem conhecê-lo primeiro.”

“Nosso serviço (SPC) era considerado modelo na época”

Alberto Rapcham